

TENHO MEDO

(Especial para o "Correio do Povo")

Gustavo Corção

5-2-63

Recebi de um bôbo-alegre comunista uma carta bobíssima em que o missivista se mostra alegríssimo por ter eu confessado, num dos últimos artigos, que tenho medo da União Soviética. Parece que uma das intensas satisfações aurida nas hostes comunistas consiste precisamente na consciência de pertencer a um grupo que faz medo, porque, para o inferiorizado e ressentido, não pode haver maior deleite. Proporcionei-a confessando o meu medo. Mas é forçoso confessar o que é verdadeiro, justo e razoável. Tenho medo. De muita coisa, leitor comunista, tenho medo, e se me aventurasse a fazer o rol de'as não haveria papel nem perfeito secretário que desse conta de tão pesado encargo. Tentando um resumo direi, para começar, que tenho medo de Brasília e do sr. Presidente da República, e que meu medo se avoluma quando me dizem que ele acorda cedo e é eufórico. Tenho medo de ministérios e de polícia. Tenho pavor de burocracia que transforma anos de trabalho em exercício findo. Tenho medos internacionais e

nacionais. Dentro dos nacionais êles se subdividem em federais, estaduais e municipais. Há também os medos para-estatais. Já mencionei o inspetor de trânsito? Tenho medo de estudante que quer sópa de graça dada pela mão do Estado Mãe ou que chega de repente para entrevistar o velho jornalista e professor cansado de dizer as mesmas coisas. Tenho medo do ISEB. Tenho medo do ressentimento, sobretudo quando aparece casado e em lua-de-mel com a burrice. Tenho medo de Faculdade de Filosofia, católica ou leiga. Tremo da cabeça aos pés quando me dizem que abriu-se um curso de filosofia, e sinto os poucos cabelos em pé quando me apontam um dos professores. Tenho medo de cachorro melancólico, de ministro eufórico, de líder estudantil com idéias "derrière la tête", de aviador em terra ou no ar. Tenho um medo específico de magníficos reitores, de médicos que não estudam, de candidatos que tiram retrato rindo e depois ficam sérios demais, de professores que têm um sistema, de curto circuito, de metas, de obras na paróquia, e até de uma rachadura na parede de minha casa, que sonhei tão estável e tão firme. Que mais? Se eu estivesse na Hungria, todos êsses medos multicores e variados se comporiam num só, avermelhado e próximo. As vezes me ponho húngaro e estremêço. Outras vezes, mesmo de lophe, considero aquela maciça realização histórica que se instalou no mundo pela violência e pelo medo. Todos lá têm medo, a começar pelos chefes; e eu tenho um medo enorme das multidões que têm medo. Que mais?

Aqui fica a minha confissão. Permita-me agora o leitor um complemento a que me força o comunista que se alegra com o susto que prega nos outros. Sem medo não pode haver coragem... Será preciso explicar? Ora, o leitor sabe que apesar de todos os temores e tremores tenho escrito aqui o que penso dos comunistas, dos líderes estudantis, do Ministro da Guerra e do Presidente da República. Sabendo que não sou de pedra, nem completamente insensível, o leitor há de reconhecer que o seu pequeno escriba desta coluna, graças a Deus, não foi destituído de toda a coragem.